

## HERMENÊUTICA E TEMPO DO ESPÍRITO: GIANNI VATTIMO E OS ENSINAMENTOS DE JOAQUIM DE FIORE

*HERMENEUTICS AND TIME OF THE SPIRIT:  
GIANNI VATTIMO AND THE TEACHINGS OF JOAQUIM OF FIORE*

Francisco Elvis Rodrigues Oliveira<sup>1</sup>

### RESUMO

Gianni Vattimo associa a metafísica com a violência. Pretendemos demonstrar que a tese do pensamento fraco de Gianni Vattimo surge como agente redutor desta violência metafísica. Tal ontologia fraca entende que o cristianismo pós-moderno fundamenta-se na herança da *kenosis*, no esvaziamento-despojamento do Filho de Deus, o que indica a presença de elemento secularizante na raiz mesma do cristianismo. Com isso, o retorno do religioso percebido por Vattimo, não aparece como algo accidental, mas traz consigo a grave responsabilidade de pensar o cristianismo na pós-modernidade não em regime de estrutura forte, verdade estável e absoluta, senão que em termos da *caritas*-caridade. Este movimento seria, para ele, a realização do tempo do Espírito preconizado pelo abade medieval Joaquim de Fiore.

**Palavras-chave:** Pós-Modernidade; Cristianismo; Tempo do Espírito; Hermenêutica.

### ABSTRACT

*Gianni Vattimo associates metaphysics with violence. We intend to demonstrate that the thesis of weak thinking by Gianni Vattimo emerges as a reducing agent of this metaphysical violence. Such a weak ontology understands that postmodern Christianity is based on the inheritance of kenosis, in the emptying-stripping of the Son of God, which indicates the presence of a secularizing element at the very root of Christianity. With this, the return of the religious perceived by Vattimo, does not appear as something accidental, but brings with it the serious responsibility of thinking about Christianity in postmodernity not in a regime of strong structure, stable and absolute truth, but in terms of charity. This movement would be, for him, the realization of the age of the Spirit advocated by the medieval abbot Joaquim of Fiore.*

**Keywords:** Postmodernity; Christianity; Age of the Spirit; Hermeneutics.

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia. Especialista em Administração Escolar. Graduado em Filosofia. E-mail: elvisoliveira@hotmail.com.

## INTRODUÇÃO

Joaquim de Fiore foi um monge calabrês, nascido por volta do ano de 1130<sup>2</sup> em Celico, pequena cidade situada aos pés do monte *La Sila*, na província de Consenza, Itália. O filósofo italiano Gianni Vattimo encontra nos ensinamentos do autor medieval grande suporte para o desenvolvimento de suas ideias. O monge faz em tom quase profético um anúncio daquilo que Vattimo trabalha em suas obras, qual seja, a chegada de um novo tempo, etapa, estágio ou idade que assemelha-se àquilo que Gianni Vattimo tem afirmado acerca do fim da metafísica e o que ele denomina e entende por pós-modernidade.<sup>3</sup>

Joaquim de Fiore foi um abade cisterciense, teólogo, exegeta, filósofo, místico, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito. Com relação a sua origem, ela é bem controversa - assim como sua vida e obra. Algumas hipóteses assumem que ele era de família camponesa, um “servo da gleba”<sup>4</sup> ou pertencente a uma família de agricultores.<sup>5</sup> No entanto, esta teoria tem perdido força e a que mais parece ter fundamento é a “suposição de que teve ele uma origem urbana”.<sup>6</sup> Com base nesta tese mais bem fundada, acredita-se que Joaquim de Fiore tenha vindo de uma família razoavelmente abastada e teve como pais o tabelião Mauro e sua esposa Gemma. Esta informação torna-se importante para a reconstrução de seu itinerário especulativo e espiritual, pois ele deixa de ser visto como um simples iletrado *monachus*, ignorante e pobre, para um jovem calabrês que desde cedo frequentou as melhores escolas de Cosenza, grande celeiro cultural e religioso de seu tempo.<sup>7</sup> O que também explicaria sua habilidade em manejar o latim e o grego clássicos, bem como o conhecimento das fontes “patrísticas e monásticas, às quais recorre e que cita abundantemente em seus escritos”.<sup>8</sup>

## ATUALIDADE PÓS-MODERNA: TRINDADE COMO HISTÓRIA

Joaquim de Fiore é uma espécie de herdeiro da tradição inaugurada por Santo Agostinho (354-430) naquilo que se refere à proposição de uma filosofia da história. Como é sabido, Santo Agostinho é a grande figura do período patrístico. Também é conhecido o seu trabalho de interpretação da história à luz de um exame do Antigo e do Novo Testamento, abordando uma concepção linear da história -

2 Difícil e imprecisa a datação de seu nascimento. Alguns livros trazem o ano de 1130, outros 1132 ou 1135. Menos incerta e improvável, ainda, são algumas poucas fontes que optam por datar seu nascimento em 1145. Acompanhamos o período que parece mais plausível que compreende os anos 1130 e 1135.

3 “A compreensão espiritual da história, desenrolada a partir da interpretação dos três estados do mundo, cada um deles atribuído a uma das figuras trinitárias - que Vattimo associa com o anúncio pós-moderno do fim da metafísica” (ROSSATTO, Noeli Dutra. **Hermenêutica e profecia**: Joaquim de Fiore na leitura de Vattimo. Aporia, Santiago de Chile, n. especial, p. 34-48, 2016, p. 36).

4 ROSSATTO, Noeli Dutra. **Joaquim de Fiori**: Trindade e nova era. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (Filosofia, v. 173), p. 12.

5 IRITANO, Massimo. **Gioacchino da Fiore**: attualità di un profeta sconfitto. Catanzaro: Rubbettino, 2015 (Zonafranca, v. 21), p. 10; MOTTU, Henry. **La manifestazione dello Spirito secondo Gioacchino da Fiore**: ermeneutica e teologia della storia secondo il “Trattato sui quattro Vangeli” [1977]. Trad. ita. Roberto Usseglio. Genova: Marietti, 1983 (Dabar, v. 6), p. 11.

6 ROSSATTO, Noeli Dutra. **Joaquim de Fiori**, p. 12.

7 Ibidem, p. 13.

8 Ibidem, p. 13.

portanto, enquadrado dentro da tradição cristã ocidental - que viria a ser a concepção dominante em todo o Ocidente de uma interpretação do tempo que se encaminha em direção ao futuro. Já a teologia de Joaquim de Fiore fornece um paradigma que habilita uma interpretação secular da escatologia cristã. O abade oferece pela primeira vez um “historicismo teológico”, enquanto o cristianismo da era patrística não pensava a existência cristã num sentido histórico.

Tal posicionamento meta-histórico de Santo Agostinho, abertamente anti-apocalíptico, não será posto em questão até Joaquim de Fiore. que começa por se afastar das interpretações que lhe precederam. Diante da abordagem agostiniana, Fiore traça uma posição mais imanente, de caráter milenarista. Em meio a aproximações e distanciamentos de Agostinho, o abade Fiore herda deste o seu esquema septenário das idades, mas, ao mesmo tempo, introduz uma variante e, como resultado, reduz para três idades. Além disso, ele irá propor uma noção de história que não está mais centrada na figura do Cristo (como a concebe Santo Agostinho que propunha uma interpretação cristocêntrica da história), mas, para Joaquim de Fiore, Cristo é o “começo do fim”,<sup>9</sup> e sua teoria está voltada para a Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo.<sup>10</sup> Neste sentido, Cristo teria pouco relevo na obra Joaquim.<sup>11</sup> Outro ponto de distanciamento entre ambos está em que, para Agostinho, a “sétima idade” estaria situada em um para além da história, ao passo que para o abade Fiore estaria justamente dentro do processo histórico. Para Fiore, “a Trindade acaba servindo de chave hermenêutica da História, não mais apenas de vida anagógica que nos leva à compreensão do Deus. A História é devir em Deus e Deus é devir na História”.<sup>12</sup>

A interpretação que Joaquim de Fiore faz do tempo dá-se a partir de uma meditação sobre a Trindade - o Pai, o Filho e o Espírito Santo - em que ele busca demonstrar o reflexo desta noção trinitária de Deus no tempo do mundo, entendida como uma sucessão de três etapas, estágios ou idades, onde estariam refletidas em cada uma destas as qualidades dos três aspectos de Deus: “É sob o mistério da Trindade que Joaquim constrói a periodização que representa as três idades do mundo (*status mundi*)”.<sup>13</sup> Com isto, ele divide a história humana em três grandes períodos em que cada um relaciona-se com uma das Pessoas da Trindade. Outra perspectiva importante no pensamento joaquimista é seu exame realizado sobre o Antigo e o Novo Testamento, imprimindo uma particular ênfase no Apocalipse de São João, servindo de base para uma hermenêutica que objetiva demonstrar uma concordância (*concordia*) entre o Antigo e o Novo Testamento<sup>14</sup> e a prefiguração da vinda do Cristo, como também a prefiguração de um tempo ulterior, que seria a vinda do Espírito Santo. Vejamos o ensinamento de Joaquim de Fiore em seu *Liber Concordia* extraído a partir da interpretação de Henry Mottu:

9 RATZINGER, Joseph (Bento XVI). **A teologia da história de São Boaventura**, p. 141. Henri de Lubac, a certa altura chega a afirmar que “Cristo tem relativamente pouca relevância na obra de Joaquim (Cf. LUBAC, Henri de. **La posteridad espiritual de Joaquín de Fiore**, p. 59).

10 Cf. COELHO, Flora Simonetti. **Joaquim de Fiore**, p. 71).

11 LUBAC, Henri de. **La posteridad espiritual de Joaquín de Fiore**, p. 58-59.

12 COELHO, Flora Simonetti. **Joaquim de Fiore**, p. 129.

13 FALBEL, Nachman. **São Bento e a ordo monachorum de Joaquim de Fiore**. Revista USP, São Paulo, v. 30, n. 39, p. 273-276, jun./ago. 1996, p. 273.

14 Sobre isto o monge Fiore trata na obra *Concordia Novi ac Veteris Testamenti (Concordia entre o Novo e o Antigo Testamento)*, que foi editado no ano de 1519, em Veneza, por Simone de Luere (Cf. ROSSATTO, Noeli Dutra. **Joaquim de Fiori**, p. 24).

*Thaumazein*, Ano X, v. 15, n. 30, Santa Maria, p. 33-46, 2022.

Em particular, é muito interessante, destacar que, no segundo texto da *Concordia* que agora examinaremos, Joaquim percebe designado em Abraão e Zacarias “os pais do primeiro estado”, em Isaac e João Batista os do “segundo estado”, em Jacó e no homem Jesus aquele do “terceiro estado”, nos doze patriarcas e nos doze apóstolos “as ordens dos justos”, em Sara e Isabel, “a Igreja eleita”, que permanece estéril “até a plenitude dos tempos”.<sup>15</sup>

Ainda sobre seu método por concórdia, vale a pena destacar o que continua a nos dizer o próprio abade e como ele define tal método:

Por concórdia, entendemos mais propriamente a similitude entre iguais proporções que se estabelecem com o Novo e o Antigo Testamento. E digo iguais quanto ao número (*aeque dico quo ad numerum*), não quanto à dignidade (*dignitas*). Assim, um personagem corresponde a outro personagem, uma ordem à outra ordem e uma guerra a outra guerra; e esta paridade é tal como se um (personagem) olhasse na face do outro. Por exemplo, são correspondentes Abraão e Zacarias, Sara e Isabel, Isaac e João Batista, o homem Jesus e Jacó, os doze Patriarcas e o mesmo número de Apóstolos, e outros tantos similares. E tudo o que ocorre nestes casos não é alcançado mediante o sentido alegórico, senão pela concórdia entre os dois testamentos, pois de ambos resulta uma única compreensão espiritual.<sup>16</sup>

Este ritmo trinitário da história, segundo Joaquim de Fiore, exhibe uma aquisição e expressão crescentes no tempo de qualidades e virtudes por parte do homem, bem como um progressivo florescimento da sua liberdade e perfeição. Assim, na leitura de Fiore, a idade que corresponde à Pessoa do Pai é caracterizada pelo domínio da Lei e do conhecimento e do temor de Deus. Joaquim a representa pela noite, pelas ervas, água e inverno e sua duração se estende até a “hora da encarnação redentora”.<sup>17</sup> Por sua vez, a idade do Filho, está marcadamente caracterizada pelo predomínio da graça, da sabedoria, da fé e da valorização dos jovens. É a “era da Igreja presente”<sup>18</sup> e aquilo que simboliza este estado é a primavera, a aurora, as espigas e o vinho. Finalmente, a terceira idade, o tempo do Espírito, está em perspectiva futura para Fiore, portanto, ainda não realizada (mas iminente), e estaria caracterizada pela liberdade e compreensão perfeita, pelo amor, amizade e valorização das crianças. Seus símbolos são o meio-dia, o verão, a colheita do grão e o óleo. Citando Joaquim, assim escreve Luciano De Crescenzo:

A história da humanidade pode ser dividida em três Eras consecutivas, uma diferente da outra: a primeira, aquela que vai da Criação do Universo até o nascimento de Jesus, onde quem comandava era o Pai, a segunda, do nascimento de Jesus até hoje, caracterizada pelo Filho, e a

15 “In particolare, è molto interessante rilevare che, nel secondo testo della *Concordia* che ora esamineremo, Gioacchino vede designati in Abramo e Zacaria “i padri del primo stato”, in Isaaco e Giovanni Battista quelli del “secondo stato”, in Giacobbe e nell’uomo Gesù quelli del “terzo stato”, nei dodici patriarchi e nei dodici apostoli “gli ordini dei giusti”, in Sara e in Elisabetta “la Chiesa eletta”, che rimane sterile “fino alla pienezza dei tempi” (MOTTU, Henry. **La manifestazione dello Spirito secondo Gioacchino da Fiore**, p. 95. Tradução nossa).

16 FIORE, Joaquim de. **Concordia Novi ac Veteris Testamenti**. *Apud.*: ROSSATTO, Noeli Dutra. *Hermenêutica e profecia*, p. 40.

17 LUBAC, Henri de. **La posteridad espiritual de Joaquín de Fiore**, p. 22.

18 Ibidem.

terceira, aquela que está prestes a iniciar justamente nestes dias, gerida pelo Espírito Santo. Três também são os seus ideais nos quais inspirar-se: a Lei, a Graça, e a Liberdade.<sup>19</sup>

Com este anúncio de uma terceira era, a do Espírito, a visão histórico-trinitária de Joaquim de Fiore desejava alertar os chefes da Igreja, incluindo o Papa, a fim de que recuperassem o antigo espírito dos padres da Igreja. Ele “esperava para a ‘terceira idade’ uma espiritualização completa do homem, corpo e alma”<sup>20</sup> e seu maior desejo era poder ver os cristãos e os judeus de braços dados, depois de ter feito do Antigo e do Novo Testamento um único texto. Como era seu costume dizer: “Se Deus existe, só pode ser Um, então que sentido pode haver em chamá-lo com nomes diferentes?”<sup>21</sup>

É preciso dizer, ainda, que esta expectativa de uma nova época que caracterizava o contexto em que viveu Joaquim de Fiore, ele não a inscreve sob uma perspectiva de mera profecia, mas fundamentalmente ele o faz com base em uma interpretação dos símbolos contidos nas Escrituras. Ou seja, Joaquim de Fiore não se apresenta como um profeta, senão que a atribuição que se pode fazer dele é mais acen-tuadamente como de um bom hermeneuta. Por isso, sua interpretação da história extrapola os círculos religiosos e repercute até mesmo em algumas leituras mais laicizadas do tempo histórico, como é o caso de Henri De Lubac, que enxerga traços do joaquimismo em sistemas como o positivismo, o marxismo e o historicismo, por exemplo, constituindo, assim, a chamada “posteridade espiritual” do abade:<sup>22</sup>

Por outra parte a posteridade está constituída pelos teólogos, “espirituais”, profetas, filósofos, reformadores, revolucionários, aventureiros de toda espécie, que de uma ou outra forma recolheram a ideia fundamental que Joaquim havia deduzido de sua exegese: a de um “terceiro estado” por vir, no tempo e sobre esta terra, que seria a idade do Espírito.<sup>23</sup>

Outra grande estudiosa da obra de Joaquim de Fiore, Marjorie Reeves (1905-2003), também defende que as ideias do abade têm estado presentes ao longo dos séculos que se seguiram à sua morte. Tal fenômeno, assegura, deve-se ao impacto emocional e a esperança escatológica que trazem suas ideias:

O significado histórico de Joaquim reside na qualidade da dinâmica de certas ideias-chave que ele proclamou. Elas trabalharam no subterrâneo dos séculos seguintes, de tempos em tempos,

19 “La storia dell’umanità può essere divisa in tre Ere consecutive, l’una diversa dall’altra: la prima, quella che va dalla Creazione dell’Universo alla nascita di Gesù, dove a comandare è stato il Padre, la seconda, dalla nascita di Gesù a oggi, caratterizzata dal Figlio, e la terza, quella che ste per iniziare proprio in questi giorni, gestita dallo Spirito Santo. Tre anche gli ideali relativi cui ispirarsi: la Legge, la Grazia e la Libertà” (CRESCENZO, Luciano De. **Storia della filosofia medievale**. Milano: Oscar Mondadori, 2002, p. 54. Tradução nossa).

20 LUBAC, Henri de. **La posteridad espiritual de Joaquín de Fiore**, p. 33.

21 “Se Dio esiste non può essere che Uno, e allora che senso há chiamarlo con nomi diversi?” (CRESCENZO, Luciano De. **Storia della filosofia medievale**, p. 54. Tradução nossa).

22 Sobre a posteridade de Joaquim e sua influência nos séculos posteriores até nossos dias remetemos ao estudo de LUBAC, Henri de. **La posteridad espiritual de Joaquín de Fiore**. Já em *Depois da cristandade* (2004), Gianni Vattimo assinala que, para os propósitos do uso que ele faz da leitura de Joaquim de Fiore, os expoentes da posteridade espiritual do abade que mais se aproximariam de seu desenvolvimento teórico seriam Novalis, Schleiermacher e Schelling (Cf. VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**, p. 46).

23 LUBAC, Henri de. **La posteridad espiritual de Joaquín de Fiore**, p. 14.

gerando uma nova vida em um grupo ou indivíduo. Sua qualidade vital surgiu do fato de que elas operaram na imaginação, movendo para a esperança e, também, para a ação; com isso, seu impacto foi mais emocional do que intelectual.<sup>24</sup>

## PÓS-MODERNIDADE E TEMPO DO ESPÍRITO

Vemos que Gianni Vattimo encontra sustento teórico nos ensinamentos de Gioacchino, notadamente para sua tese acerca do retorno do religioso, compreendendo nos escritos do abade uma espécie de “profecia” apregoada por Joaquim. Para além disso, “Vattimo encontra a sua consonância com o ensinamento de Joaquim a partir da consideração do fim da metafísica, do ser como evento e como destino de enfraquecimento”<sup>25</sup>. De certa forma, Vattimo traz para si o trabalho de explanar tal pensamento, “encontrando nele familiaridades no que se reporta ao pensamento fraco, e o reencontro possível entre filosofia e religião”.<sup>26</sup> Este reencontro, contudo, não significa que “a Filosofia tenha o dever de retornar pura e simplesmente à Bíblia e, eventualmente, à Igreja”.<sup>27</sup> Ao contrário, Vattimo irá traçar, neste ponto, partindo dos ensinamentos de Joaquim, como pode se dar este retorno sem prejuízo da razão filosófica e sem implicar em um retorno àquela metafísica objetivista.

Conforme afirmação em artigo de Constança Marcondes César: “É a Joaquim de Flora que nosso filósofo [Vattimo] recorre, para compreender o paradoxo da diluição/renascimento do sagrado, em nosso tempo”.<sup>28</sup> Por esta razão, Joaquim de Fiore apresenta-se para Vattimo como grande referência quanto ao novo modo de compreender e viver a experiência religiosa, configurando uma forma alternativa na compreensão da mensagem cristã de uma forma mais ampla.

Vattimo, lendo Fiore, entende que a Bíblia não mostra um conjunto de narrações objetivamente verdadeiras cujo sentido é preciso esclarecer, mas ela apresenta um desafio exegético que permite uma abertura de sentido capaz de se lançar para o futuro. Este novo modo de interpretar o cristianismo proposto por Vattimo, nos conduz à ideia fundamental do pensamento de Joaquim de Fiore, porém, Vattimo o faz à luz da crítica da metafísica da presença e dos dogmas.

E é desta leitura que Vattimo faz, que ele começa por entrever uma relação entre a idade do Espírito de Fiore e o seu *pensiero debole*. Afinal, esta era do “‘enfraquecimento’ do ser, se impõe como uma visão *estética* do mundo na qual desaparecem as diferenças ético-ontológicas”.<sup>29</sup> E, com isso, o cristianismo possibilita uma abertura que “contribui para esse acontecimento na medida em que a *kenosis* cristológica indica (...) a eliminação do rosto autoritário de Deus”.<sup>30</sup> O resultado deste processo seria, precisamente, a chegada da idade do Espírito, pois, desse modo, o enfraquecimento do ser coincide com

24 REEVES, Marjorie. **The influence of prophecy in the later middle ages: a study in joachimism**. New York: Oxford University Press, 1969, p. 135.

25 MANTOVANI, Mauro. **Gioacchino da Fiore nel pensiero di Gianni Vattimo**, p. 8.

26 ROCHA, Alessandro Rodrigues. **Filosofia, religião e pós-modernidade**, p. 147-148.

27 VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**, p. 38.

28 CÉSAR, Constança Marcondes. **Secularização e pós-modernidade em Gianni Vattimo**. Reflexão, Campinas, v. 31, n. 90, p. 121-127, jul./dez. 2006, p. 121.

29 BORGHESI, Massimo. **Secularización y nihilismo**, p. 42.

30 Ibidem.

uma espécie de plenitude escatológica.<sup>31</sup> Demais, ressignificando o conceito de caridade, temos que ele está intimamente ligado à idade do Espírito, no sentido que neste estágio desaparece a “letra” dos textos sagrados, sua “literalidade” e a caridade surge como, além de um cumprimento da Lei, a sua “superação”: a Idade do Espírito.

Em concordância com o que já indicamos, Vattimo proclama com entusiasmo o advento do pós-moderno, ao que ele acredita ser esta época da possibilidade de uma transformação do passado autoritário para uma nova era de liberdade. Ele alega que a “superação” da metafísica possibilita uma recuperação da fé cristã, embora transformada, enfraquecida, “pós-modernizada”, isto é, sem aqueles aspectos do literalismo, da hierarquia e da violência metafísica. Daí ele identificar a era pós-moderna com a idade do Espírito, uma vez que compreende ambas as épocas como tempo de tolerância, compreensão, diálogo e ecumenismo. Nisto é que, em sua forma, a pós-modernidade de Vattimo, identifica-se como realização da *idade do Espírito joaquimita*.<sup>32</sup>

Por este motivo, a fim de alcançar tal conclusão e articular sua tese da religiosidade pós-moderna, é que Vattimo resgata o pensamento do monge Joaquim de Fiore, de quem passa a ser uma espécie de “dependente” para construir sua reflexão sobre a questão da religião na tardo-modernidade. Gianni Vattimo se escuda na interpretação espiritual da Escritura praticada por Fiore, como também de sua visão da história como sendo um contínuo progresso em direção àquela idade do Espírito. Este é o suporte teórico que Vattimo encontra no abade para sustentar sua visão de um cristianismo não dogmático, não religioso. A conclusão a que se chega é que esta nova época que Joaquim identificava como era espiritual, Vattimo a concebe como “a Era Hermenêutica”.<sup>33</sup> Este é, para Vattimo, um dos tópicos principais onde a obra de Joaquim ganha relevo e atualidade:

Gioacchino da Fiore, quer em parte pelo conteúdo específico da sua atitude perante a idade do Espírito, quer por sua atitude teológica geral, que compreende a história da salvação como história de uma transformação “espiritualizante” do sentido da Escritura, é tomado aqui como emblema deste modo de conceber e viver a experiência religiosa.<sup>34</sup>

Esta é também a leitura que faz Noeli Dutra Rossato, onde em seu artigo, ele afirma que Vattimo extrai de Joaquim dois tópicos principais como mais importantes para a atualidade do pensamento pós-moderno. Trata-se da compreensão da história da salvação como leitura espiritualizante da Escritura, o que identifica este processo com o pensamento pós-metafísico e da compreensão do ser como evento.<sup>35</sup> O outro ponto de destaque tem a ver com a hermenêutica conferida pelo abade Fiore, ao que Vattimo afirma ter ele provocado uma “transformação decisiva na exegese medieval da Bíblia, principalmente porque ele modifica e completa as várias teorias dos múltiplos sentidos da Escritura”.<sup>36</sup>

---

31 Ibidem.

32 Ibidem, p. 73.

33 ROCHA, Alessandro Rodrigues. **Filosofia, religião e pós-modernidade**, p. 147.

34 VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**, p. 39.

35 Cf. ROSSATTO, Noeli Dutra. **Hermenêutica e profecia**, p. 35.

36 VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**, p. 41; ROSSATTO, Noeli Dutra. **Hermenêutica e profecia**, p. 35.

Assim, Vattimo dá importância a dois tópicos principais do pensamento joaquimita por encontrar correspondência com dois dos atuais temas da filosofia contemporânea. A teoria da história de Joaquim encontraria correspondência com as propostas hoje em voga de enfraquecimento do ser; e a teoria hermenêutica, por sua vez, corresponderia às atuais tendências interpretativas que, na busca da verdade, enveredam para o lado do gradativo abandono da letra ou do texto, dando destaque ao espírito da letra.<sup>37</sup>

## EVANGELHO ETERNO: SECULARIZAÇÃO, HERMENÊUTICA E CARIDADE

A secularização como enfraquecimento das estruturas fortes (a transmissão da mensagem kenótica) é levada a cabo pelo Espírito, conforme esquematizado por Vattimo, por meio do historicismo Trinitário de Joaquim de Fiore. De acordo com a leitura feita por Vattimo a partir de Joaquim, as idades do Pai (Antigo Testamento) e do Filho (Novo Testamento e surgimento da Igreja) são superadas pela idade do Espírito. Neste sentido, Jesus seria a “dobradiça” que abre o início da era do Espírito. Em todo caso, na idade do Espírito, o que “aparece sempre mais [é] o sentido ‘espiritual’ da Escritura e em que a caridade toma o lugar da disciplina”.<sup>38</sup>

Vattimo reconhece nesta mensagem secularizadora a raiz mais própria do cristianismo, como foi dito, a tendência à dissolução das estruturas estáveis e fortes do Ser, na quais também se inclui as suas próprias: a autoridade sacerdotal, a rigidez da letra da Bíblia, o cânon e os dogmas indiscutíveis e o poder disciplinar da Igreja como instituição. No mundo hodierno, corresponder à secularização, implica - na visão de Vattimo - no acolhimento da existência de diversas imagens do mundo, na aceitação e defesa do pluralismo e da diferença. Enfim, esta era do Espírito, que ele identifica como anúncio da era pós-moderna e do *pensiero debole*, traz consigo uma exigência que se opõe ao dogmatismo, e aos “monolinguismos” autoritários.

A Idade do Espírito Santo que, na teoria da história de Flora inaugura a leitura espiritual, isto é, alegórica e anagógica, dos textos sagrados, é aproximada, por Vattimo, da nossa época, que se caracteriza pela liberdade interpretativa, pela pluralidade das interpretações.<sup>39</sup>

Ainda que Vattimo não chegue a seguir estritamente as ideias Joaquim, no entanto, utiliza sua concepção da história como um extenso quadro teórico contra o qual posiciona seu próprio entendimento da *kenosis*. Dentro desse quadro teórico, Vattimo também coloca a esperança de Schleiermacher de que todos possam ser “autores” de sua própria Bíblia, assim como relaciona tal reflexão à estética de Novalis e sua concepção anti-disciplinar do cristianismo:

Mais do que seguir Joaquim, entretanto, trata-se aqui de levar a sério a *Kenosis*. A esta tradição joaquinita (*sic*), em sentido muito amplo, pode-se juntar as páginas de Schleiermacher em que se exprime o sonho de uma religião em que cada um possa ser o autor da própria Bíblia, ou as páginas de Novalis, em que o mesmo sonho de um cristianismo já não dogmático

37 ROSSATTO, Noeli Dutra. **Hermenêutica e profecia**, p. 35.

38 VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**, p. 76; GIRARD, René; VATTIMO, Gianni. **Verità o fede debole?**, p. 9.

39 CÉSAR, Constança Marcondes. **Secularização e pós-modernidade em Gianni Vattimo**, p. 125.

e disciplinar acompanha uma reavaliação dos aspectos “estéticos” da religiosidade (as imagens, Nossa Senhora, os ritos).<sup>40</sup>

Com isso, Vattimo considera esta ligação encontrada entre a tradição religiosa do Ocidente e a hermenêutica, como sendo benéfica por diversas razões, à guisa de exemplo: como um encorajamento ao pensamento sobre a centralidade da interpretação, a liberação do mito da objetividade, e a leitura “espiritual” da Escritura neste largo quadro teórico joaquimita que fornece a oportunidade aos fiéis de superar a disciplina eclesiástica. O primeiro corolário, então, para aquela noção de Deus Pai (primeira idade), é que esta maneira de se referir a Deus é associada por Vattimo, assim como por Joaquim, a um “literalismo” como uma aproximação da Escritura, ao que Vattimo ainda associa tal “literalismo” ao fato de ser “disciplinar” e, portanto, está ligado à “violência”. Escreve ele,

o que é o cristianismo? É a crença de que Deus é um em três pessoas? Tomemos o credo na missa: se me detenho em cada proposição desta confissão, não existe nem um só artigo que eu possa crer literalmente. Por exemplo, Jesus está sentado à direita do Pai. Por que à direita? Por que o Pai e não a mãe? Existem muitos literalismos que estão ultrapassados”.<sup>41</sup>

No entanto, é preciso fazer notar que embora Vattimo faça esta crítica, imediatamente após a sentença acima citada ele adiciona: “por outra parte, ainda creio que o poder e a verdade do cristianismo é o acontecimento da intervenção de Deus na história.<sup>42</sup> Continuando, para Vattimo, não apenas Deus Pai representaria um literalismo ultrapassado, mas também, a própria paternidade de Deus parece igualmente sê-lo, à uma primeira vista, o exemplo de mais um “literalismo” a ser secularizado.

Sobre a figura de Deus Pai, com base na leitura de Vattimo, ele é identificado como aquela imagem do “sagrado natural violento”<sup>43</sup> que é, por sua vez, elucidado ou transposto pelo Filho, isto é, o enfraquecimento das reivindicações sacras dá-se por meio da oferta da amizade em lugar da servidão, e espalha-se pelo Espírito enquanto a secularização torna-se cada vez mais claramente uma realidade na modernidade. É nesta perspectiva de leitura dos escritos de Vattimo que se torna possível identificar o uso que ele faz do pensamento de Joaquim de Fiore.

Embora seja possível imputar a Vattimo uma certa medida de má interpretação do texto de Joaquim feita por ele no que se refere ao seu esquema Trinitário, em sua defesa, podemos dizer que é precisamente devido ao pensamento fraco se apresenta (algo não fechado, mas aberto ao diálogo, ao diferente e à crítica) é que naturalmente leituras diferentes da realizada por ele com relação a Fiore poderão surgir. Afinal, ele mesmo prontamente assume que também tem dificuldades no entendimento do monge calabrés (“Este é o caminho que traça Joaquim de Fiore - a quem, por certo, me custa entender”).<sup>44</sup> De modo que não faz falta dizer que esta alegada má interpretação ou - como ele também faz ao interpretar Nietzsche e Heidegger - apropriação muito particular e única do texto de Joaquim mantém aberta

40 VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**, p. 76.

41 VATTIMO, Gianni; CAPUTO, John D. **Después de la muerte de Dios**, p. 149.

42 Ibidem.

43 VATTIMO, Gianni. **Acreditar em acreditar**, p. 13.

44 Cf. VATTIMO, Gianni; CAPUTO, John D. **Después de la muerte de Dios**, p. 151.

a possibilidade da chave de leitura que Vattimo vem sustentando com relação ao supersessionismo, ou seja, de que

neste sentido, Vattimo está ampliando a descontinuidade entre o Antigo e o Novo Testamento. O Deus do Antigo Testamento é, então, caracterizado por ele como transcendente, totalmente outro, Pai, severo, violento, enquanto os termos-chave do Novo Testamento são Encarnação, kenosis, secularização, Espírito e amor.<sup>45</sup>

Por este motivo que o principal interesse de Vattimo em Joaquim de Fiore está em sua leitura da Escritura à luz da terceira idade, não uma leitura literal ou analógica, mas uma leitura espiritual.<sup>46</sup> Ainda que para Vattimo, estes sinais da época do fim da metafísica não sejam estritamente iguais aos da terceira idade de Joaquim, ele é tomado pelas suas ideias daquela “inteligência espiritual” da Escritura e, neste sentido, a obra do abade Ihe serve como uma espécie roteiro,<sup>47</sup> pois, para Vattimo, o método exegético de Joaquim de Fiore, sob a perspectiva da idade do Espírito, ao destacar uma época em que predomina “não mais o texto e sim o espírito da revelação; não mais servos e sim amigos; não mais o temor ou a fé e sim a caridade; e, talvez, também não mais a ação e sim a contemplação”,<sup>48</sup> isto é um indicativo de que se encontra já em Fiore os germens deste longo processo de secularização em que hoje nos encontramos na sociedade pós-moderna. Com isso, “a leitura espiritual do Evangelho me parece uma exigência sacrossanta para se ter bem presente quando se considerar estas questões”.<sup>49</sup>

O apelo de Joaquim está na imanência da salvação permitindo que se reinterprete a Escritura sob uma forma espiritual que percebe a salvação como um contínuo processo em andamento.<sup>50</sup> Vattimo não estaria tão interessado nos aspectos literais das profecias de Joaquim, por acreditar que certos eventos não podem ser tidos como símbolos de outros eventos (ainda que mais discretos), de modo que o uso que faz Vattimo de Joaquim está mais estreita e manifestamente ligado à sua hermenêutica. Como segue:

O significado que nos interessa no ensinamento de Gioacchino é o da ideia de uma história da salvação que está ainda em curso; precisamente porque a história da salvação não foi completada podemos ainda falar em profecia voltada para o futuro. No entanto, por esta mesma razão, a profecia não pode objetivar, sem se contradizer, um rigorismo realístico.<sup>51</sup>

45 “In this way, Vattimo is magnifying discontinuity between the Old and the New Testament. The God of the Old Testament is then characterized by him as transcendent, wholly other, Father, severe, violent while the key terms of the New Testament are incarnation, kenosis, secularization, Spirit and love” (DEPOORTERE, Frederick. **Christ in postmodern philosophy**: Gianni Vattimo, René Girard, and Slavoj Žižek. New York: T & T Clark, 2008, p. 20-21. Tradução nossa).

46 Cf. ZABALA, Santiago. **Weakening Philosophy**, p. 275.

47 VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**, p. 45.

48 Ibidem.

49 VATTIMO, Gianni; SEQUERI, Pierangelo; RUGGERI, Giovanni. **Interrogazioni sul cristianesimo**, p. 62.

50 Faz-se necessário recordar que, em Vattimo, “salvação” adquire um significado muito único, qual seja, a dissolução das estruturas fortes e a sanção de uma pluralidade que dá sustento à emancipação. É precisamente este ponto que o pensamento joaquimista torna-se particularmente atraente para Vattimo e que torna Joaquim de Fiore um tipo de “patrocinador inconsciente” do seu *pensiero debole*.

51 VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**, p. 42.

Com base nesta discussão, identificamos que Gianni Vattimo traz à luz, portanto, uma correspondência entre os conceitos aqui já explorados de hermenêutica, niilismo e secularização. com a idade do Espírito joaquimita. De forma que a idade da interpretação em que se encontra a religião pós-moderna realiza uma hermenêutica bíblica que substitui a Lei e a autoridade eclesial pelo reino da *pietas* e da *caritas*. Estes seriam, conforme Vattimo, os testemunhos da identidade cristã na pós-modernidade,<sup>52</sup> em oposição crítica àquela metafísica da presença e do dogma. Numa palavra, a “religião fraca” (*religione debole*) concebida pela pós-modernidade vattimiana, está enraizada na terceira idade anunciada por Fiore, a idade do Espírito que, por sua vez, equivale e coincide com a idade da interpretação. Com base na proposta vattimiana, este seria o resultado de uma ética pautada na liberdade-caridade sem necessidade de um fundamento único e último, liberado que está daquela estrutura violenta metafísica.

### **PENSIERO DEBOLE E IDADE DO ESPÍRITO**

Creemos que não existam maiores dificuldades para identificar a compreensão dos motivos pelos quais Vattimo é atraído pelo pensamento de Joaquim de Fiore e a pujança que o monge adquire para os desenvolvimentos religiosos da hermenêutica. A idade do Espírito profetizada por ele, como época de um entendimento espiritual iluminado, vem a ser um protótipo daquilo que utiliza para sustentar sua própria e contínua reinterpretação bíblica, em particular, no que tange ao fim da doutrina cristã, acerca possibilidade de uma hermenêutica libertadora e emancipatória das restrições institucionais.

Com isso, a idade do Espírito, para Vattimo, não seria outra coisa senão um desdobramento contínuo do seu *pensiero debole*, como um progressivo desenrolar do cristianismo kenótico que dissolve todas as formas de fortes afirmações metafísicas, inclusive as da religião. É neste sentido que ele declara:

Não renuncio a usar aqui este termo, pós-moderno, porque, fiel ao ensinamento de Gioacchino, estou convencido de que a história da salvação anunciada pela Bíblia se realize nos eventos da história mundana (...). A história da salvação passa por nós por meio dos acontecimentos da modernidade; e eventualmente da sua crise, visto que as teorias da pós-modernidade falam a respeito de um fim da modernidade e de um fim da concepção da história como progresso linear.<sup>53</sup>

Simplesmente, isto significa dizer que, na marcha da história, a metafísica está de modo muito lentamente resolvendo a si mesma num niilismo interpretativo e na secularização social, dentro de um processo que é, ele mesmo - para utilizar os termos cristãos -, o efeito da *caritas*. De forma que a civilização ocidental estaria orientada para este enfraquecimento do ser. Então, aqui, a história possui um claro sentido e direção: a dissolução das estruturas fortes. E esta interpretação está carregada daquela compreensão espiritual da Bíblia assinalada por Joaquim de Fiore, que ilumina e ultrapassa o sentido apenas literal, o sentido doutrinal do texto. Sendo assim, Joaquim de Fiore é o emblema de Gianni Vattimo da religião pós-moderna.<sup>54</sup>

52 Ibidem, p. 16.

53 Ibidem, p. 55-56.

54 Cf. MANTOVANI, Mauro. **Gioacchino da Fiore nel pensiero di Gianni Vattimo**, p. 13.

Enfim, o que profeticamente Joaquim de Fiore anunciava, Gianni Vattimo encontra em todos os seus sinais a resposta para poder afirmar que entramos, finalmente, nesta época. Assim ele afirma: “podemos dizer que estamos vivendo na era do Espírito”.<sup>55</sup> Esta seria a época do fim da metafísica, do niilismo consumado, da religião kenótica e não violenta, do cristianismo não-religioso, mas religião “amigável” - baseada na *caritas* e da *pietas* -, da época da poetização do real e da comunicação generalizada em que não apenas poucos detém a voz e a narrativa da história, mas cada um conta a história como pequenas narrativas. Resgatando os elementos e conceitos explorados nesta pesquisa e, de alguma forma, unindo todos eles, com Vattimo torna-se possível concluir que estes “sinais dos tempos” lidos em chave espiritual nos conduzem, enfim, à idade do Espírito.

## CONCLUSÃO

O “método de Fiore” permite que Vattimo (re)interprete a Escritura - e mesmo reconstrua o seu sentido de história da salvação - à luz do seu pensamento enfraquecido. Tal enfraquecimento, reconhece o destino do Ser não mais como algo duradouro ou como estrutura estável, senão como revelação transitória, passageira e efêmera. A hermenêutica de Joaquim permite que Vattimo supere qualquer interpretação literal das Escrituras em favor de uma contínua reinterpretação, moderada apenas pelo afastamento da violência. Ou seja, a caridade se reafirma como limite do processo de secularização, e esta (a secularização) é um aspecto essencial na história da salvação. Neste sentido, o abade Fiore serve, para Vattimo, como uma espécie de protótipo de legitimação para sua tese do *pensiero debole* e os conceitos de *caritas*, *kenosis*, secularização e niilismo que a ele se vinculam. Mais que isso, Joaquim aparece como uma espécie de testemunha de uma hermenêutica contínua que corre sob a história do cristianismo.<sup>56</sup>

Assim, podemos dizer que este movimento de Fiore, conforme o apresentamos e compreendemos, antecipa a direção de Vattimo da pós-modernidade como era pós-metafísica do enfraquecimento do Ser onde “o reino do espírito [é] entendido como suavização e ‘poetização’ do real”.<sup>57</sup> Disto temos que este apelo de Vattimo por uma suavização da realidade equivale, pois, a nada menos que um idealismo e um espiritualismo totalmente estetizados. Para além dos enigmas teológicos que Joaquim de Fiore nos deixou para refletir, compreendemos que algo do seu misticismo ressoa na releitura que Vattimo faz sobre esta época da secularização como idade do Espírito em que o retorno do religioso, o fim da metafísica, e - seguindo a citação de Novalis - “a reconciliação e a ressurreição da Europa” coincidem perfeitamente.<sup>58</sup>

Para encerrar, a despeito de quaisquer divergências entre Bento XVI e Vattimo, encontramos, talvez, algum ponto em comum no tocante a esta matéria que buscamos tratar neste artigo. Isto posto, tomamos uso do estudo do Papa Bento XVI, então Joseph Ratzinger, que, ao abordar a teologia da história em *Boaventura*, também discorre sobre Joaquim de Fiore, de maneira surpreendente.

55 VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade**, p. 69.

56 Cf. VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação**, p. 76.

57 VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade**, p. 70.

58 *Ibidem*, p. 49-50.

Diz ele: “Joaquim tornou-se assim, na própria Igreja, o pré-cursor (*sic*) de uma nova concepção de história que hoje nos parece tão evidente ser a simples concepção cristã, que nos é difícil acreditar, que nalgum momento, podia ter sido diferente”.<sup>59</sup>

## REFERÊNCIAS

BORGHESI, Massimo. **Secularización y nihilismo: cristianismo y cultura contemporánea** [2005]. Trad. esp. Manuel Oriol, Madrid: Encuentro, 2007.

CÉSAR, Constança Marcondes. **Secularização e pós-modernidade em Gianni Vattimo**. Reflexão, Campinas, v. 31, n. 90, p. 121-127, jul./dez. 2006.

COELHO, Flora Simonetti. **Joaquim de Fiore: a vida, a obra e o pensamento**. Rio de Janeiro: Ágora da Ilha, 2002.

CRESCENZO, Luciano De. **Storia della filosofia medievale**. Milano: Oscar Mondadori, 2002.

DEPOORTERE, Frederick. **Christ in postmodern philosophy: Gianni Vattimo, René Girard, and Slavoj Žižek**. New York: T & T Clark, 2008.

FALBEL, Nachman. **São Bento e a ordo monachorum de Joaquim de Fiore**. Revista USP, São Paulo, v. 30, n. 39, p. 273-276, jun./ago. 1996.

IRITANO, Massimo. **Gioacchino da Fiore: attualità di un profeta sconfitto**. Catanzaro: Rubbettino, 2015 (Zonafranca, v. 21).

LUBAC, Henri de. **La posteridad espiritual de Joaquín de Fiore: I. De Joaquín a Schelling** [1981]. Trad. esp. Julio H. Martín de Ximeno, Madrid: Encuentro, 2011 (Religión, v. 441).

MANTOVANI, Mauro. **Gioacchino da Fiore nel pensiero di Gianni Vattimo**. Florensia, San Giovanni in Fiore, n. XVIII-XIX, p. 1-15, 2004/2005.

MOTTU, Henry. **La manifestazione dello Spirito secondo Gioacchino da Fiore: ermeneutica e teologia della storia secondo il “Trattato sui quattro Vangeli”** [1977]. Trad. ita. Roberto Usseglio. Genova: Marietti, 1983 (Dabar, v. 6).

RATZINGER, Joseph (Bento XVI). **A teologia da história de São Boaventura**. Trad. port. Maria Manuela Brito Martins. Porto: Editorial Franciscana, 2010.

REEVES, Marjorie. **The influence of prophecy in the later middle ages: a study in joachimism**. New York: Oxford University Press, 1969.

ROCHA. Alessandro Rodrigues. **Filosofia, religião e pós-modernidade: uma abordagem a partir de Gianni Vattimo**. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

---

59 RATZINGER, Joseph (Bento XVI). **A teologia da história de São Boaventura**, p. 141.

ROSSATTO, Noeli Dutra. **Hermenêutica e profecia:** Joaquim de Fiore na leitura de Vattimo. Aporía, Santiago de Chile, n. especial, p. 34-48, 2016.

ROSSATTO, Noeli Dutra. **Joaquim de Fiori:** Trindade e nova era. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004 (Filosofia, v. 173).

VATTIMO, Gianni. *Acreditar em acreditar* [1996]. Trad. port. Elsa Castro Neves, Lisboa: Relógio d'água, 1998.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade** [2009]. Trad. br. João Batista Kreuch, Petrópolis: Vozes, 2016 (Coleção textos filosóficos).

VATTIMO, Gianni. **Depois da cristandade:** por um cristianismo não religioso [2002]. Trad. br. Cynthia Marques, Rio de Janeiro: Record, 2004.

VATTIMO, Gianni. CAPUTO, John D. **Después de la muerte de Dios:** conversaciones sobre religión, política y cultura [2007]. Trad. esp. Antonio José Antón, Buenos Aires: Paidós, 2010.

VATTIMO, Gianni. SEQUERI, Pierangelo; RUGGERI, Giovanni. **Interrogazioni sul cristianesimo:** cosa possiamo ancora attenderci dal Vangelo? Roma: Lavoro; Fossano: Esperienze, 2000.

VATTIMO, Gianni. **Para além da interpretação:** o significado da hermenêutica para a filosofia [1994]. Trad. br. Raquel Paiva, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1999.

VATTIMO, Gianni. GIRARD, René. **Verità o fede debole?** dialogo su cristianesimo e relativismo. Massa: Transeuropa, 2006.

ZABALA, Santiago. **Weakening Philosophy:** Essays in honour of Gianni Vattimo. London: Mc Gill-Queen's University Press; Montreal Kingston, 2007.